

O LUZEIRO
Revista Mensal publicada pela
Editora "O LUZEIRO" Ltda.

SUPERVISOR:
Prof. H. J. Souza
DIRETOR RESPONSÁVEL:
Eng. Clovis Bradaschia
REDATOR-CHEFE
Dr. Ermelino J. Pugliese
GERENTE:
Eng. G. E. Malschitzky
SECRETARIO:
Dr. Guedes Pereira
TESOUREIRO:
Luiz Boschetti

As opiniões emitidas em artigos
assinados são de responsabilidade
dos autores.



A SABEDORIA AO ALCANCE DE TODOS

SUMARIO

As Grandes Épocas da História
As Glandulas de Secreção Interna
Hino Nacional Brasileiro: Versão Latina
O Simbolismo do Natal
Conselhos Uteis: Conceito de Eubiose
O Culto Necromântico do Zumbi
Secção Infantil
Jesus e os Três Reis Magos
Palavras de Confúcio

É permitida a transcrição parcial ou total dos artigos, desde periódico, desde que citada a sua origem.

REDAÇÃO: Rua da Liberdade, 47 - 1.º andar — Fone: 35-2785 — SÃO PAULO - BRASIL
Representação em SANTO ANDRÉ (Est. de S. Paulo - E. F. S. J.) - Av. Industrial, 52

AS GRANDES ÉPOCAS DA HISTÓRIA (1)

LAURENTUS

Não vamos aqui apontar, um por um, os fatos de maior realce na História da Humanidade, pois tal coisa seria impossível. Vamos falar, apenas, dos de maior vulto acontecidos desde o século XIV até o atual.

Antes de mais nada, convém citar as palavras do grande vidente Emanuel Swedenborg, em relação à teoria da VIBRAÇÃO: «A lei mais essencial da Natureza, é a VIBRAÇÃO. Um ponto morto, um ponto imóvel, é absolutamente impossível dentro de nosso sistema. Os movimentos sutis, que chamamos de vibrações ou ONDAS; os mais vigorosos, que chamamos de órbitas; assim como as épocas históricas que conhecemos como CICLOS, todos representam movimento ondulatório, cíclico, de ondas no ar, no éter, na água e na terra. Manifestam-se como nebulosas, pensamentos, emoções e tudo mais quanto se possa imaginar».

Diante de semelhantes palavras ninguém pode duvidar de que «a vida universal é repartida em CICLOS ou Idades. E cada uma delas venha acompanhada de um MOVIMENTO DE ORDEM ESPIRITUAL para os seres da Terra. O mesmo dizer que «são as várias etapas evolucionais da Mônada (2), a caminho do Divino. As mesmas tradições do Oriente assinalam que, «de cem em cem anos» — num dos Lagos da gloriosa SHAMBALLAH — nasce um Lóto de alvura imaculada (o «Lóto das Mil Pétalas»), anunciando um acontecimento de grande transcendência na face da Terra».

No século XIV, constatou-se o trabalho grandioso de Christian Rosenkrenz, fundador da ROSACRUZ na Alemanha.

No século XV, período da Renascença, sobrevieram as grandes invenções e a Descoberta da América por Cristovão Colombo.

No século XVI, ou da Restauração, surgiram as obras de Robert Bayle e a fundação da Real Sociedade de Ciências de Inglaterra. Inclui-se a Descoberta do Brasil por Pedro Alvares Cabral (1.500), completando-se, desse modo, o prodigioso Trabalho de Colombo, como se o feito de Cabral fôsse «o codicilo de tão pre-

cioso Testamento a favor da evolução humana». Ambos construíram os primeiros alicerces do Grande Edifício Humano, ou seja, o Lugar onde a nova civilização faria seu surto no mundo, depois de concluído o ciclo da antiga ou anterior. Donde dizermos: «fim de ciclo apodrecido e gasto para o alvorecer de um outro portador de melhores dias para o mundo».

No século XVII surgem: o Ocultismo da Renascença, as grandes invenções e a Revolução de Olivier Cronwell, na Inglaterra, etc., etc.

O século XVIII marca a epopeia da Revolução Francêsa, assim como caracteriza a misteriosa trajetória dos Condes de Cagliostro e S. Germano. Também chamada de «A queda da Flôr de Lis Francêsa», com a misteriosa repercussão das 3 iniciais maçônicas L. P. D., isto é, LILIUM PEDIBUS DESTRUE.

No século XIX, com o aparecimento da heróica princesa russa, Helena Petrovna Hann de Faddeev Blavatsky, desabrocha para o Ocidente o Facho Sagrado da Sabedoria Arcaica (Gupta-Vidya ou Teosofia), desfolhando uma nova página na História, onde se subcreve o Movimento mais intenso e mais valioso de quantos se conhecia até aquela época em matéria de Espiritualismo no mundo. H. P. Blavatsky aparecia em Norte-América, logo depois do surto do Espiritismo, como si se dissesse que ambos se completavam: o Espiritismo (ou, antes, Animismo), como o plano astral, o plano dos fenômenos, a «ponte», portanto, que conduz ao outro plano ou mundo, que era justamente o da Teosofia, por ser o do Mental ou da Inteligência (Sabedoria, portanto). Inclui-se no século XIX a Proclamação da República Brasileira, um século justo da Francêsa (1789-1889). No ano de 1883, desencarna na Índia o grande místico Ramakrishna, enquanto na mesma época, nasce no Brasil (15 de Setembro de 1883), Aquele que se acha à frente do Movimento em que está empenhada a Sociedade Teosófica Brasileira. Nessa mesma ocasião se dá a «explosão do KRAKATÓIA, der-

AS GLANDULAS DE SECREÇÃO INTERNA

DR. E. J. PUGLIESE

A **constituição** de um indivíduo depende, fundamentalmente, da sua fórmula «endocrino-vegetativa», isto é, das interrelações entre as glândulas de secreção interna e o sistema vegetativo. Todos os demais caracteres são condicionados a esta fórmula (Bauer).

O **temperamento** — «tempera-humoral», depende da mistura de elementos bioquímicos que regulam as condições internas, dando ao indivíduo expressão anímica particular. Estudos modernos relativos aos elementos circulantes do sangue, provam a positiva influência dos **hormônios** que, lançados na corrente circulatória, determinam à distância, reações ou repressões, provocam o desenvolvimento, a estagnação ou a alteração nesta ou naquela esfera, ou mesmo em todo o organismo. Condicionados pela fórmula dos humores, o temperamento, como se depreende, condiciona os centros volitivos e afetivos do psiquismo. Todas as variações e disposições gerais e sentimentais dos diversos indivíduo-personalidades, têm como eixo fundamental o «humor». Correm no sangue dos indivíduos os «**ingredientes**» que lhe dão o «tempero-humoral». Conseguiu-se relacionar esta dependência com os hormônios lançados na corrente sanguínea pelas glândulas. Como os hormônios dependem da potencialidade das glândulas, está implícita a correlação entre o tipo constitucional e a disposição do humor, isto é, a disposição de ânimo, de espanto, de bem ou mal estar, a tendência para ser alegre ou triste, para a bonhomia ou para a rbugice, para a docilidade ou indocilidade, para a credulidade ou ceticismo, para a tolerância ou intolerância, para ser um cabuloso crônico ou um impenitente do «contra», enfim, um **PECADOR** ou um **VIRTUOSO**.

As tendências, as possibilidades de trabalho nesta ou naquela esfera, as reações em face das adversidades, das doenças, são expressões da fórmula bioquímica dos humores. Por uma questão, mais de constituição e de temperamento, do que de inteligência ou cultura, adotamos pontos de vista rígidos ou semirígidos e intransigentes. Assim como a crença, toda a convicção ou catturice decorre do estado constitucional (da fórmula «endocrino-vegetativa») determinante do temperamento, que orienta a mentalidade.

Inúmeros são os fatores que intervêm na natureza do «humor-temperamental»: **fatores físicos** (ventos fortes ou abafadiços, tempestades barométricas, mudanças repentinas de altitudes, etc...), **fatores bioquímicos** (alimentos desencadeadores de choques alérgicos, alteração do Ph, substâncias, medicamentos que estimulam ou deprimem o S. N. Simpático e o Vago, deficiência de elementos, tais como o cálcio, ferro, fosforo, vitaminas, indispensáveis ao organismo que repercutem sobre o humor e concorrem para o desvio do comportamento ou conduta), **fatores endógenos**, principalmente os oriundos das atividades crescidas ou reduzidas das glândulas de secreção interna que determinam o desvio do «humor-bioquímico». Os fatores externos (exógenos) agem sobre o sistema nervoso neuro-vegetativo, aparelho receptor das oscilações do ambiente, que é tanto mais sensível às alterações, quanto mais labil a constituição do indivíduo — são de notáveis repercussão sobre as glândulas hormonicas (1), donde os reflexos acentuados nos processos internos e consequen-

temente sobre o temperamento.

Como se depreende do exposto, há uma relação entre as diversas variações, disposições gerais e sentimentais, com o «humor». São evidentes as relações entre os **PECADOS** ou as **VIRTUDES** de um indivíduo, com as predominâncias ou deficiências glandulares.

A religião cristã, como aliás outras religiões, «intuitivamente» se tem antecipado à ciência na maioria dos fatos, ou de suas «redescobertas». Observam-se por trás dos erros e da crosta religiosa ou da lenda, verdades científicas olvidadas de um passado cultíssimo, tanto ou mais quanto os nossos dias; assim, observando à luz da Teosofia (EUBIOSE), os princípios religiosos de Moisés, de Maomé, encontramos a higiene mais sábia; a sociologia mais perfeita traz as «Leis do Manú»; astrologia, traz os ensinamentos da cabala acadica-cáldica, e as mais surpreendentes revelações químicas nas fórmulas semi-religiosas e veladas dos alquimistas e Rosa Cruzes da Idade Média. Tudo quanto a ciência «redescobre», está expresso na linguagem poética e filosófica dos Védas, Bramanas, Puranas, etc... O mesmo se pode demonstrar nas diversas passagens da Bíblia, quando bem informados pelos conhecimentos arcaicos contidos na Teosofia.

Sobre o assunto que nos propomos divulgar, o Cristianismo (e anteriormente, as diversas Escolas Filosóficas e Religiosas que o antecederam) se antecipou à ciência, quando nos fala que a Felicidade e a Paz do Senhor, só se alcança, quando isentos de **PECADOS**, dos «Pecados mortais» que à luz da ciência de nossos dias, são as sete anomalias glandulares, que todos possuímos em maior ou menor grau. São eles: **ORGULHO**, **COLERA**, **LUXURIA**, **GULA**, **PREGUIÇA**, **AVAREZA** e **INVEJA**.

Vejamos os Pecados mortais à luz da endocrinologia; comecemos por dividir os «pecados» em dois grupos: pecados dos fortes e pecados dos fracos (2).

Os **pecados dos fortes**, são: o Orgulho, a Colera, a Luxuria e a Gula (Simpaticotonicos).

Os **pecados dos fracos**, são: a Preguiça, a Avareza e a Inveja (Vagotonicos).

De um modo geral podemos dizer que os pecados dos fortes são devidos ao funcionamento exagerado de uma ou mais glândulas; e os dos fracos, ao seu funcionamento deficiente (essas disfunções são oriundas das **skhandas** ou «tendências», Karma individual, segundo a Teosofia, etc... , donde o termo «Karma individual»).

O **orgulho** é próprio dos indivíduos em que predominam as glândulas estimulantes: a hipofise, a tiroide, a suprarrenal, as gônadas. São os indivíduos geralmente de estatura elevada (podendo ser mediana ou mesma baixa, quando não há predomínio da hipofise); muito homens, quando masculinizados; quando mulheres, muito feminilizadas (vaidade), ou ao contrário, viriloides (quando predomina a suprarrenal). Vivos, rápidos no pensamento e na ação, resistentes à fadiga. São, pois, indivíduos bem dotados, o que os conduz à própria estimação e a diminuição alheia. Do ponto de vista glandular, o orgulho é o menos grave dos pecados... e, no entanto, foi o que levou Lucifer aos infernos.

A **colera** tem geralmente uma base glandular se-

melhante à do orgulho, faltando o predomínio gonádico, que daria serenidade e euforia. Nos cólericos predominam as glândulas suprarrenal e tiroide.

A **luxúria** é própria dos temperamentos em que predominam as glândulas genitais (gônadas), muitas vezes portadores da mesma fórmula endócrina que os orgulhosos, mas em menor predominância da hipófise e das suprarrenais que os torna «moles» e displicentes.

A **gula** é o pecado por excelência dos pancreáticos. A insulina, secretada pelo pâncreas, pode ser chamada o «hormônio da fome». O funcionamento exagerado da tiroide pode aumentar o apetite. Os «gulosos gordos», são sobretudo pancreáticos e os «gulosos magros», tiroideos.

A **preguiça**, chamada cientificamente astenia, é filha da insuficiência tiroidea e sobretudo da suprarrenal. A tiroide é a glândula da rapidez, da inteligência e a suprarrenal a da energia e intensidade. A energia depende mais da suprarrenal do que de outra glândula vulgarmente invocada para simbolizá-la.

A **avareza** é um pecado próprio dos insuficientes glandulares totais e principalmente da glândula genital; é a razão pela qual a avareza predomina nos velhos.

A **inveja**, como os outros pecados dos fracos, aparece de preferência nos insuficientes glandulares. Uma fraca tiroide, que não lhes dá a vivacidade; débil a suprarrenal que lhes nega energia; pâncreas e gônadas pouco ativas, não lhes permitindo toda a exuberância dos prazeres da vida, esses infelizes seres, inferiorizados, **invejam** os que não são vítimas dessas insuficiências glandulares ou os pecadores fortes.

Há certo antagonismo entre os pecados dos fortes e os pecados dos fracos. «Cada um tem os defeitos de suas virtudes e as boas qualidades de seus defeitos», escreveu Ramalho Ortigão. O orgulhoso, ou o luxurioso ou o guloso, não são geralmente nem ávaros nem invejosos. E o preguiçoso e o ávaro, quando não mais seja por avareza, nunca são gulosos.

Propositadamente deixamos de mencionar uma das glândulas, que a ciência de nossos dias ainda não se encontra capacitada de dar maiores explicações, é o **TIMUS**. A glândula própria da infância, da Idade da Pureza e Inocência, que corresponde, na vida humana, à Idade de Ouro ou **Satya-Yuga**, como é chamada nas escrituras orientais, e ainda, de «Eterna Primavera», da qual a Humanidade já gosou há muitos milênios, e ainda virá gosar, por sua vez, num futuro muito distante da época atual. A bem dizer, é o último estado daquele que conseguiu superar todos os seus «pecados mortais», tornando-se um Adepto ou Homem Perfeito. E consequentemente, todas as suas anomalias, através das SETE ETAPAS ou estagios glandulares (3).

Falam os orientais, que esta glândula, quando submetida a certas «excitações», segrega um **hormônio**, capaz de conferir ao homem, o estado de Pureza e Inocência de sua tenra idade, razão esta, que levou JESUS a ela se referir quando disse: «**Deixai vir à mim as crianças, porque delas é o Reino do Céu**». Outros filósofos e instrutores fazem idênticas referências a este «estado de consciência», tal como Mencius que dizia: «O grande homem, é o que não perdeu o coração de criança».

Baseado nestas observações, muitas de ordem transcendentais, de que a Felicidade, a Realização Interior, objetivo essencial do homem, só é alcançada pelo equilíbrio perfeito desses «Centros de Forças» (**Chakras**, como são conhecidos em linguagem oriental), que correspondem às Glândulas de Secreção Interna, existe

uma série de métodos, de conduta (Yogas), visando o controle consciente do S. N. Vegetativo, Vago e Glândular. Deste modo, despertam por estes estranhos processos, as «essências», as expressões mais puras, **QUINTESSENCIADAS** das glândulas (que pouco tem que ver, com o que hoje conhecemos por hormônio), que a tradição milenar do Oriente perpetuou com o nome de Amrita — o «Lícor da Imortalidade». A constituição (oriunda da fórmula endócrino-vegetativa, já sublimada) determinante do temperamento, passa a orientar a mentalidade, os centros da afetividade, para um outro campo de manifestação que transcende a mente e a emoção comum dos homens. Condicionado por esta «fórmula humoral quintessenciada» passa o seu organismo, pelas mais estranhas transformações, até que numa etapa desta evolução, começa Nele se manifestar um outro fator hormonal — o do Timus — o hormônio da Pureza, da Inocência, do Amor. São os Instrutores, os Guias, os Manús de todas as idades. Estas idéias, embora singelas, sobre tão estranho e enigmático assunto, nos deixa vislumbrar de leve, algo sobre o Elixir da Longa Vida (como do Santo Graal, Calice que continha o Sangue do Redentor dos Homens), que conferiria a quem o bebesse, as possibilidades de atingir a Imortalidade, isto é, o estado permanente de Criança.

Isto, que procuramos divulgar, não tem nenhuma irreverência; pelo contrário é uma prova da profunda sabedoria do Cristianismo e de certas Escolas Filosóficas e Religiosas que, através dos tempos, surgem procurando dentro do nível cultural da época, proporcionar aos homens «meios», para que possam se aperceber do sentido da existência e melhorar suas condições.

Há muitíssimos casos de desvio da conduta, (que caracterizam o pecador forte e fraco), que o padre, que o juiz, deve enviar ao endocrinologista e outros tantos aos psicanalistas.

Nem sempre se trata de verdadeiras doenças glandulares; muitas vezes são pequenas anomalias, que todos possuímos em maior ou menor grau. Por isso, todos pecamos. O próprio «justo» (o que seria o perfeito equilibrado glandular), peca sete vezes por dia...

Bibliografia: «INTERPRETAÇÃO DO HOMEM, de RENATO KEHL.

(1) É interessante registrar uma passagem de valor, constante da obra do Prof. Henrique J. Souza, Presidente cultural e espiritual da STB, intitulada OS MISTÉRIOS DO SEXO, quando o mesmo falando de certas glândulas endócrinas, cita o fenômeno do «odor-feminino», provocado pelas glândulas axilares. E que concorreu para o enfeitamento de muitos homens, pela beleza de certas mulheres, além de um outro odor, mais perigoso ainda, que possuíam certas mulheres, como Messalina, Cleopatra, etc. ou seja produzido pelas mesmas glândulas, de combinação com as genitais. E que tantas vítimas esse mesmo «odor» teve ocasião de fazer, de que fala a História, sem no entanto saber o seu verdadeiro motivo... Outro fenômeno ainda não constatado pela Medicina, inclusive pelo próprio Marañon, a maior sumidade no assunto, aquele de três dias antes do período catamenial (lunar ou da menstruação), essas glândulas (as axilares) aumentando a sua tunção exteriorizante, impregnar o ambiente daquele odor a que o vulgo denomina de «catinga».

Da mesma obra antes referida:

«O Manú é, ao mesmo tempo, a inteligência (Manas, o Pensamento, a Mente, etc.), como Legislador e Guia de um povo, civilização, etc., e o fecundador. Onde ser chamado «de Senhor de Vida e Morte de seu Povo». Como Inteligência (assim também o «homem vulgar») representa o Mundo Divino, como Fecundador, o mundo terreno. Nesse caso, a SEMENTE do povo ou raça por Ele dirigida.

De fato as células cerebrais representam aquilo que o homem possui de imortal. As células sexuais, o que o mesmo

possui de mortal. O abuso das segundas prejudica as primeiras. Onde o termo «mentecapto» (ou mens-capta) que se dá, por exemplo, aos que praticam e abusam do «vício solitário». De semelhante «vício» resultam outras graves moléstias, dentre elas a epilepsia, sinão, a disfunção de todo o sistema nervoso, prejudicando os demais sistemas.

Platão já ensinava: O ser mortal abriga uma parte imortal: a capacidade de proliferar.

Na Índia, os casamentos são efetuados — o macho ou homem com 9 anos apenas, e a fêmea ou mulher, com 7 anos. E tal cerimônia, de comum acordo entre as duas famílias, debaixo de grande ostentação, quando se trata de pessoas abastadas. Quando os dois jovens chegam, respectivamente as idades de 15 e 13 anos, é então o momento de se unirem ou formarem o lar. Quando alcançam os 40 e os 38 anos de idade, se separam, corporalmente, porque ao homem compete (segundo o Bramanismo) o papel de sacerdote. E à mulher, o de sacerdotiza. O primeiro val ensinar aos do seu sexo, do mesmo modo que, a segunda, em relação com as do seu sexo. Entre os incas, por exemplo, «Manco-Capac» (O Manú da 1.ª dinastia), ensinava aos homens na «cidade alta». E Mama Oclo, sua esposa, «na cidade baixa». A interpretação tem sido errônea até hoje, pois que a verdadeira é a seguinte: «cidade alta ou da cabeça, da Mente, da inteligência, etc.

«Cidade baixa», das questões maternas, inclusive a vida doméstica etc. Segundo Vitor Hugo «o homem pensa, a mulher cria».

Pelo que se vê, até uma certa idade, o homem pode usar, mas nunca abusar, do Sexo. De tal idade em diante, a castidade deve ser absoluta, tanto para um sexo como para outro».

De fato, depois de ter o casal cumprido o dever da família, que é o da prole, passa ao dever espiritual, na razão do mundo terreno e do mundo divino. Ou com outras palavras, cumpriu o casal dois poderes: o temporal e o espiritual, na razão do «Dai a Cesar o que é de Cesar. E a Deus o que é de Deus». Na mesma Índia, é sentença iniciática: «Aquele que não escreveu um livro, não plantou uma árvore e não deu filhos, passou pelo mundo sem ter feito coisa alguma aproveitável».

E o autor da referida obra apresenta um «quadrante» onde o mesmo divide a vida humana em quatro partes: infância, adolescência ou juventude, maturidade e velhice, na razão do número 15 para o fenômeno: 15, 30, 45 e 60. O interessante é que, na taro, por onde se regiam os antigos hebreus, (Taro, Tora, Rota, etc.) o arcano XV, é o Androgino, representando a Kumara, o Manu, etc., das escrituras indianas. Ao chegar o homem ou mulher, não aos 40 como se usa entre os brâmanes, segundo foi explicado anteriormente, mas aos 45 (3 vezes 15) a mulher entra no «período da menopausa», e consequentemente, não mais prolifera. Nesse caso, não tendo mais necessidade de fazer uso do SEXO (do mesmo modo que o homem em relação a sua esposa), começam uma vida nova, isto é, a das coisas do Espírito. Mesmo assim, como esposos, educarão os filhos nos seus princípios da sua religião, inclusive, quando todos eles, ainda no seio materno, marido e mulher entoadam um mantram (ou hino especial, que lhes foi dado por um sacerdote dessa mesma religião). Ao nascer a criança, é com ele, ainda, que os mesmos o ninam, ou acalentam no berço. Cresce a criança e jamais deixa de cantar o mantram que lhe foi dedicado naquela vida. Tem-se a impressão de que é com esse mantram ou hino, que o mesmo, ao desaparecer do mundo, dá entrada no Nirvana, isto é, dedicando a sua vida ao Senhor, ao Eterno (Brahmá, Deus, o Nome que lhe quiserem dar).

O problema que acabamos de citar, por mais exigente ou estranho que pareça (isto é, o da «castidade», depois da referida idade), além do mais, concorre para a longevidade.

Mais adiante: os aparelhos genitais masculino e feminino são «congruentes». Eles obedecem ao mesmo plano básico, concordância essa que persiste mesmo depois de recebido o sêmen do sexo. Apenas as condições se invertem: o aparelho masculino tem a forma positivamente saliente, enquanto o feminino é negativamente escavado, comportando-se os dois como a fôrma e o modelo, nela preparados, a chave e a fechadura.

Nesse caso «o homem dá, a mulher recebe». As glândulas genitais são semelhantes na forma e no tamanho; as do homem chamam-se testículos, e na mulher, ovários. As células sexuais do homem chamam-se espermatozoides, e as da mulher, óvulos. O canal que parte das glândulas genitais chamam-se conduto seminal, no homem, e trompa na mulher. Os dois canais de cada pessoa, encontram-se na linha mediana onde formam um órgão óco, em que as células sexuais fazem uma parada antes de serem expulsas do corpo. Esse órgão chama-se próstata, no homem, útero na mulher. O canal da saída das

células sexuais permanece dentro do corpo da mulher, enquanto no homem éle se abúla num «ferrão de postura». Na mulher, que deve receber esse ferrão, o canal óco é largo e de paredes delgadas, sendo essa porção denominada vagina. No homem, o canal continua estreito e de paredes grossas, formando o (massiço) pênis (ou membro viril).

Com outras palavras, o homem é masculino externamente, e feminino internamente. A mulher obedece ao mesmo princípio, de acordo com o seu sexo; feminina externamente e masculina internamente. Onde o «tratamento cruzado», que a medicina atual faz uso em casos de desequilíbrio das funções sexuais, principalmente no período da menopausa. O que em um deveria ser mais, passa a menos, e no outro, o menos a mais.

E como o homem possui nove orifícios (dois olhos, dois ouvidos, duas narinas, boca, ânus e uretra), a mulher possui dez, que são os mesmos, e mais o seu próprio. Nesse órgão, pois, existem dois orifícios, quando no homem éle é apenas um. Se somarmos esses dois números, isto é, 9 com 10 teremos a soma 19, que no supracitado Taro, é o arcano do Sol, melhor dito, arcano dos Gêmeos ou Hermafroditas divinos. As várias teogonias lhes dão os nomes de Hélios e Selene (na Grécia), Castor e Pollux (na mesma teogonia), Osiris e Isis (no Egito), Deva-pis, na Índia. E assim por diante. A síntese espiritual do fenômeno está no Manú macho e fêmea, aos quais a Cabala dá o nome (em cima) de Adam-Kadmon, e em baixo, o mundo terreno, Adam-Heve (Adão e Eva da própria Bíblia cristã).

(2) Prof. Waldemar Berardinelli (Almanaque — 1948 — do S.N.E.N. — pág. 80).

(3) Segundo essa mesma obra, citada na primeira anotação, todas as glândulas endócrinas estão subordinadas à pineal, cujas funções verdadeiras não são ainda conhecidas. Esotéricamente falando, essa glândula, «é a sede do Espírito» (epifise). Enquanto a hipófise o é da Alma. Quando a primeira, tem que ver com os sete estados de consciência (longamente estudados pela Teosofia), ou etapas a percorrer pela Mônada em evolução na cadeia terrena. Outrossim, com os sete CHAKRAS ou «centros de força no homem», localizados nos seguintes lugares: Brahmananda ou Sahasrara, no vertex ou alto da cabeça, como «o Trono ou Morada de Brahma». Daí nasceu o rito cristão do solidéu, que oculta a coroa ou tonsura que os sacerdotes trazem nesse lugar, na mesma razão que os rabinos judeus, mesmo que ambos ignorem essa mesma tradição, que data dos Colegios iniciáticos do Egito, Índia, Grécia etc. etc.

O seguinte está localizado na frente, entre os olhos, e tem o nome de Ajna. Na mesma razão do anterior, tal centro de força, que tanto dá a dignidade sacerdotal como real, é apontado ainda hoje nas imagens de Buda e das sacerdotizas, por meio de uma protuberância escura. Quanto ao anterior, também o é, em protuberância maior nessas mesmas imagens. Na Índia, a protuberância frontal tem o nome de «Olho de Shiva» e se refere, também, à visão espiritual ou interna. Onde a loga da ponta do nariz, isto é, de «olhar essa região», pois, provoca semelhante fenômeno, em oposição à visão física. O que se pode chamar de visão convergente e visão divergente. No Egito, o mesmo centro de força, é aquele que os faraós traziam nesse mesmo lugar, à guisa de serpente de bote armado para a frente. O seguinte chakra, situado na garganta, tem o nome de Vishuda, também chamado de «Antakarana», como ponte que separa um mundo de outro (isto é, a cabeça, do tronco). Haja vista o fenômeno do chamado «cirro» na hora da morte, quando a pessoa não mais pode articular a menor palavra. São as «águas do Akasha», com a sua espuma fluante... através das quais, a alma atravessa aquela mesma «ponte», na barca alegórica dos seus últimos e terrenais alentos... O chakra imediato, é o cardíaco (ou do coração) com o nome de Anahata. E' chamado de «câmara de Kundalini». E' éle que indica — por sua vez, a passagem do discípulo à categoria de Adepto. E como os sinais não possam ser dados a profanos, deles evitamos falar neste livro. Vem a seguir, o chakra umbilical, com o nome de Manipura. E' a região astral, pois aí se encontram as duas forças Kundalini e Fohat, como se fosse, numa lâmpada de arco-voltaico, os dois carvões, que logo unidos, a luz se faz com toda a intensidade. O seguinte, é o esplênico, e tem o nome de Swadhistana. E' dos sete centros, o mais secreto, pois, ligando o anterior ao último, forma uma nova ponte... As questões sexuais, de permoio com as psíquicas, em tal região, se confundem. Finalmente o último, tem o nome de Muladhara, e está situado no coccix. Dá-se-lhe o nome «Sede de Kundalini». Em nossos livros secretos, por sua vez, tais centros de força são divulgados de modo mais extenso... Essas sete regiões do corpo humano, também se relacionam com os sete planetas ou astros que gravitam em torno do Sol. Espiritualmente falando, são os SETE Arcanjos

CONCLUE NA PAG. SEG

CONCLUSÃO DA PAG. ANT.

do Cristianismo, e que nas tradições trans-himalaias recebem o nome de *Dhyan-Chohans* (com vistas aos «7 Dons da inteligência»). Do termo «Choan» surgiram o inglês, germanico, etc.: *Sween*, *Seen*, *Shoan*, *Lohan*, ou «císne». O próprio termo *LOHENGRIN*, das lendas vagnerianas, significa: «císne-jina ou fantasma». Não esquecer que tanto *Lohengrin* como *Parsifal*, trazem «penas na cabeça», como adornos da sua hierarquia... Os mesmos estão assinalados na referida Igreja (cristã), nos candelabros das *SETE VELAS* colocados nos seus altares. E quanto ao de *TRES VELAS*, representa a própria Divindade na sua forma *TERNARIA* (Pai, Filho e Espírito Santo). Em referência, ainda, ao das «Sete velas», em certas escrituras sagradas, recebe o nome de «Candelabro das 7 Luzes», e em outras, simplesmente: *O LUZEIRO*. As *SETE TROMBETAS* da visão de *Ezequiel* não representam outra coisa, para não falar da Palavra sagrada composta de Sete letras, da qual surgiu o precioso nome de *JEHOVAH*, etc. O mesmo *Jesus*, para o seu verdadeiro nome iniciático, não fez mais do que se servir (coisa desconhecida até agora) das 3 iniciais *JHS*, (que se tem como *Jesus Homo SALVATOREM*), juntando-as às «sete referidas vogais»... O *Talmud* faz uma referência ao caso, sem saber dar outras explicações, dizendo que «*Jesus* roubou a Palavra sagrada do Templo». Na *Mitologia*, «Prometeu rouba o Fogo aos Deuses do Olimpo e o coloca na sua cana». Há uma outra interpretação mais real para a alegoria: «O fogo não é mais do que o de *KUNDALINI*, que age na coluna vertebral (como o próprio *Mercurio* na coluna do termômetro. O caduceu de *Mercurio*, por sua vez, é alegoria idêntica), onde se encontram «os sete nâdis», donde surgem os *Chakras* ou centros de força, no homem. A medicina de hoje, que só herdou da *Magia Teurgica* ou *Medicina Oculta*, o pouquíssimo que sabe... bem longe está de conhecer a relação existente entre «tais nâdis e o liquor cefaloraquidiano, que a mesma extrai num dos exames mais perigosos para a vida humana»... E paremos aqui, pois o resto só é dado conhecer aos Iniciados nos *Grandes Mistérios*.

Já dissemos em outras obras que a Medicina de hoje não é mais do que a *Magia Teurgica* do passado; a *Química*, a *Astrologia*, a *Astronomia*, a *Astrologia*.

E assim por diante.

BRAVO! PIO XII! (*)

É com prazer que registamos nesta página a declaração do papa *Pio XII*, feita no dia 7 de Outubro, segundo um telegrama publicado pela *U.P.*

Pio XII declarou que a sociedade cristã tem de por um termo aos conflitos que dividem os grupos humanos e apoiar o livre intercâmbio de idéias entre todas as classes, para disseminar os bens naturais entre a grande família dos filhos de Deus.

Sim, pôr um termo aos conflitos que dividem os grupos humanos, conflitos econômicos, nacionalistas, morais e religiosos. *Pio XII*, de quando em quando, alude à necessidade de um melhor entendimento entre a religião católica e as demais, tanto assim, que há algum tempo, convocou à Roma chefes de outras religiões para entendimentos relativos à uma orientação pró paz mundial. Sim, que terminem os conflitos no seio da grande família dos filhos de Deus.

(*) Transcrito de *VERITAS*, órgão de membros da Sociedade Teosófica Brasileira, residentes em S. Lourenço (número de Outubro).

"Aquele que vive para a Humanidade faz muito mais do que aquele que por ela morre". (H. P. Blavatsky)

"O que distingue o homem dos brutos é a razão"
(FRANZ HARTMAN).

AS GRANDES ÉPOCAS DA HISTÓRIA - (Cont.)

rocando toda a região Norte, sobre um abismo de 300 metros e levantando uma onda de 30 metros, que enguliu, na costa Oeste de Java, 40 povoações com 20.000 habitantes, e transportou até o litoral de Madagascar «estrogos minerais»... Tem-se a impressão de «uma revolta satânica contra semelhante nascimento», pois que, no mundo divino um outro fenômeno tinha acontecido com uma chuva de estrelas jamais vista em toda a História. Sim, «o céu e as camadas mais profundas do Globo terrestre».

No século XX, antes de mais nada, realiza-se não só a promessa de *Blavatsky*, na introdução da sua *Doutrina Secreta*, isto é, «que um Outro viria do Oriente para completar aquilo que à ela mesma não foi dado realizar»... Do mesmo modo que a tradicional Promessa do Conde de S. Germano, «que voltaria no começo do século XX», etc. E foi justamente aquele que se acha à frente do Movimento em que está empenhada a *STB*, «quem veio do Oriente no começo do referido século». A seguir, conflagra-se na Europa a guerra terrível que antecedeu a última. Revoluções em diversas partes do mundo, com reais tendências à modificação geral no aspecto político, social e religioso da vida dos povos. Surgem as grandes descobertas técnico-científicas, que dia a dia maravilham o mundo: a da aviação, pelo grande brasileiro *Santos Dumont*, a radiotelegrafia, o cinema falado, a radio-televisão, assim como o desenvolvimento da energia nuclear (que tanto mal tem trazido para a humanidade...). E muitas outras, que seria fastidioso enumerar, cercam as maravilhosas realizações do homem no século XX. Finalmente, é nesse mesmo século que se dá a fundação da *Sociedade Teosófica Brasileira*, como complemento do papel ou Missão que incumbia Aquele que, «no começo do século XX vinha do Oriente, depois de ter ido ao Norte da Índia, e ter sido, também, realizada a misteriosa profecia da Serra de Cintra, que trata dessa mesma Missão». Quanto a seu lema, *SPES MESSIS IN SEMINE*, é mais do que uma revelação, porque fala bem alto de uma Nova Civilização, ou seja, aquela mesma para a qual foi descoberto o Continente americano e, conseqüentemente, o Brasil, como «Terra do Fogo Sagrado», «Terra da Promissão», «Santuário da iniciação do gênero humano, a caminho da sociedade futura».

Quanto ao século XXI, seus magníficos alôres serão sob a égide de um *NOVO Avatara* (e não agora, como querem alguns...), ou melhor, «com a Volta da Essência Divina, acompanhando o Novo Ciclo», a Era, como chamam alguns, do Espírito Santo», ou de *Maitreya*, como querem os orientais. A *ERA DE AQUARIO*, etc. Os próprios adventistas, a seu modo, «esperam pela Volta do Cristo». Não há como repetir a tradicional frase latina: *ADVENIAT REGNUM TUUM!* (3).

(1) Original de *LAURENTUS*, especialmente para «O LUZEIRO» (nota da redação).

(2) Mônada (do grego: «um», «unitario») — A Mônada é um centro de consciência, centelha na Chama, participando das qualidades do Todo, por ser uma «fração» sua. Por isso é ela onisciente e onipotente em seu próprio plano. A Mônada é limitada, porém, em seus meios do ação, pelos veículos de que ela se serve para agir nos mundos inferiores. Ela é o grande Eu, o «*Purusha*», o Espírito do Homem. (De *Glossario Ocultista e Teosófico*, de *Laurentus*).

(3) Lema glorioso da *ORDEM DO SANTO GRAAL*, que foi fundada em S. Lourenço, Sul de Minas, em 24 de Junho deste ano (nota da redação).

HINO NACIONAL BRASILEIRO (*)

ORIGINAL EM PORTUGUÊS

VERSÃO LATINA

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante,
E o sol da Liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó Liberdade,
Desafia o nosso peito a própria morte!
Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
De amor e de esperança à terra desce,
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza
És belo, és forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza
Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!
Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

Deitado eternamente em berço esplêndido,
Ao som do mar e à luz do céu profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da América,
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;
"Nossos bosques têm mais vida",
"Nossa vida" no teu seio "mais amores",
Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado,
E diga o verde-louro desta flâmula
— Paz no futuro e glória no passado.

Mas, se ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge à luta,
Nem teme, quem te adora, a própria morte.
Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!
Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

Audierunt Ypirangæ ripæ placidæ
Heroicæ gentis validum clamorem,
Solisque libertatis flamæ flugidæ
Sparsere Patriæ in coelos tum fulgorem.

Pignus veró œqualitatis
Possidere si potuimos brachio forti,
Almo gremio in libertatis,
Audens sese offert ipsi pectus mortii!
O Cara Pátria,
Amoris atria
Salve! Salve

Brasília, somnium tensum, flamma vivida
Amorem ferens spem ad orbis claustrum,
Si pulchri coeli alacritate límpida,
Splendescit alnum, fulgens Crucis plaustrum.

Ex propriâ gigas positus naturâ,
Impávida, fortisque, ingensque moles,
Te magnam praevidebunt jam futura.
Tellus dilecta,
Inter similia
Arva, Brasília,
Es Patria electa!
Natorum parens alma es inter filia,
Pátria Cara,
Brasília!

In cunis semper strata mirè spendidis,
Sonante mari, coeli albo profundo,
Effulges, o Brasília, flos Américæ,
A sole irradiata Novi Mundi!

Cæterisque in orbe plagis
Tui rident, agri florum ditiores;
"Tenet silvæ en vitam magis"
"Magis tenet tuo sinu" "vita amores".
O Cara Pátria,
Amoris atria
Salve! Salve

Brasília, æterni amoris fiat symbolum,
Quod affers tecum, labarum stellatum,
En dicat aurea viridisque flammula
— Ventura pax decusque superatum!

Si veró tollis Themis clavam fortem,
Non filios tu videbis vacillantes,
Aut, in amando te, timentes mortem.
Tellus dilecta,
Inter similia
Arva, Brasília,
Es Patria electa!
Natorum parens alma es inter filia,
Pátria Cara,
Brasília!

(*) Queira o leitor se reportar ao número anterior de "O LUZEIRO" no qual não só salu publicada a versão em esperanto do Hino Nacional Brasileiro, mas, também a apresentação deste patriótico trabalho, pelo Coronel Arlindo Via-

na, ilustre oficial de nosso Exército. A versão latina é do Prof. Mendes de Aguiar. No próximo número, em continuação a este interessante e patriótico trabalho, serão publicadas as versões em lingua tupi e quichúa.

CONCLUSÃO DA PAG. 92

«eu central» ou o «sêr moral», é a grande base da existência, e a harmonia ou moral é a lei universal do mundo. O «eu central» de Confúcio assemelha-se muito à noção do «eu interno ou superior». Devemos voltar a nossa atenção para o «eu central» e com êle entrarmos em harmonia, harmonia essa que é a própria Ordem Moral universal ou Dharma (A LEI).

Disse o Mestre: Achar o fio que nos una à ordem universal, eis, na verdade, o mais alto alcance humano. «Sei agora porque a lei moral não é compreendida. As naturezas nobres desejam viver alto demais, bem acima do seu eu moral comum e as naturezas ignóbeis não vivem suficientemente alto, isto é, não à altura de seu verdadeiro eu moral ordinário. Não existe ninguém que não coma e não beba. Porém, poucos são os que conhecem verdadeiramente o sabor».

EFEMÉRIDES DE DEZEMBRO

Sem dúvida alguma, um dos mais belos e significativos acontecimentos de Dezembro, e do próprio ano, é o NATAL, em que o Mundo Cristão comemora o advento de Jesus, o Cristo, Aquele que é considerado o Salvador do Mundo, pelos mesmos cristãos, e que os verdadeiros Teósofos e Ocultistas reconhecem, além do

mais, como a manifestação cíclica do «Espírito de Verdade», ou seja, como um *Avatara* Divino.

Nesta maravilhosa noite, plena de encantamento e de amor, as famílias se congregam em reuniões as mais íntimas e santas, para cultuarem, no recêso dos lares, o SIMBOLISMO DO NATAL.

O SIMBOLISMO DO NATAL

Na noite de 24 para 25 de Dezembro, mais conhecida como a NOITE DE NATAL, comemora-se em todo o Mundo Cristão, com manifestações de grande regosijo, o nascimento do Menino Jesus, fato que se deu há 1952 anos atrás. Papai Noel faz, nessa noite, sua visita tradicional aos petizes, deixando-lhes uma lembrança no sapatinho posto à beira da cama. Nos lares cristãos, engalanados com enfeites multicores, nota-se o PRESEPIO E A ARVORE DE NATAL. Deste modo, ano após ano, de uma forma inconsciente e agradável, é transmitida, de geração a geração, uma tradição extraordinariamente bela, cuja origem se perde na noite dos tempos, sendo mesmo anterior ao próprio cristianismo.

O simbolismo do Natal oculta transcendentais mistérios. À luz de conhecimentos teosóficos procuraremos levantar uma pontinha do denso véu que encobre, aos olhos profanos, tais excelcitudes.

Diz a tradição cristã que o anjo Gabriel anunciou, à Virgem Maria, o nascimento de Jesus.

As religiões, de todos os povos, possuem as suas Virgens-Mães, Marias ou *Mayas*, que são: *Adha-nari*, a indú; *Isis*, a egípcia; *Astaroth*, a hebraica; *Astarté*, a síria; *Afrodite*, a grega; *Vesta*, a romana; *Herta*, dos germanos; *Ina*, da Oceania; *Isa*, a japonesa; *Ching-Mu*, a chinesa; e muitas outras, inclusive a que o nosso tupi denomina de *Jaci*, «a mãe dos frutos», a Lua, etc., pois, como é sabido, Maria provém de Mare — o Mar — simbolicamente, «a grande ilusão».

O africanismo denomina de *Amanjá* à «mãe da-gua», que equivale à Virgem Maria, Isis, a Lua, desde que Osiris representa o Sol.

Os egípcios acreditavam que o pequeno Horus, era filho de Osireth e de Oset, cujas almas se transformaram respectivamente nas do Sol e da Lua, depois da morte desses personagens.

Os antigos israelitas, muito antes de Cristo, chamavam a rainha do céu (ou «Regina-coeli») de *MENIA*, donde se derivou *Neomenia* (Nova Lua), que vem a ser a mesmíssima Maria moderna, mãe do Deus encarnado.

Quanto ao nascimento do menino Jesus, diz a Igreja que êle se deu em Belém, tendo sido a criança colocada numa «mangedoira». A palavra Belém é formada de duas letras hebraicas, Beth e Aleph, significando, cabalisticamente, «Casa de Deus», Templo de Deus, etc. Esta é também a significação da palavra *APTA*, que provém da Atlântida, ou antes, era o nome dado à 8.ª cidade, como «Região dos Deuses», que mantinha a espiritualidade entre as demais cidades, países ou regiões, governadas pelos «Sete Reis do Edom», expressões na terra dos Sete *Dhyans-Choans*. Edom, o mesmo que Eden ou Paraíso Terrestre.

APTA também tem o significado de «crêche», «mangedoira», «presépio» e, ainda, «lugar onde nasce o Sol. O simbolismo do presépio é uma cópia fiel do que existe, até hoje, nos ritos bramânicos, além de outros. Segundo Burnouf, este simbolismo tem a seguinte origem: «A *Suastica* (não confundir com a *Sovastica* de Hitler, que tem a rotação em sentido contrário, símbolo, portanto, de involução) é representada por dois pedaços de madeira que, para não se moverem, são cravados com quatro pregos, e na junção dos braços da cruz passa uma corda que, pela fricção, produz fogo. O Pai do Fogo Sagrado é o «divino carpinteiro» *Tuashtri*, que prepara a cruz e o *pramanta* que deve gerar o filho divino. A Mãe do Fogo Sagrado é *Mayá* que equivale à Virgem Maria cristã.

Quando o pequeno *Agni* nasce (*Agni* é fogo, em sânscrito. *Agnus*, em latim, é o cordeiro: «*Agnus Dei qui tollis peccata mundi...*»), é colocado num berço (mangedoira) entre animais, e ao lado fica a *Vaca Mugidora*. Ora, *Vâch* (o mesmo que vaca), em sânscrito, significa: Verbo Sagrado, Palavra Criadora ou Logos Creador. Em francês, *Vache* é a mesma «vaca». Procuremos agora relacionar estes fatos, narrados pelo sanscritista Burnouf, com aquela conhecida passagem bíblica: «No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus, etc... E o Verbo se fez carne e habitou entre nós...»

O sacerdote brâmane toma o pequeno *Agni* em suas mãos, coloca-o sobre um altar e espalha sobre êle manteiga clarificada (daí a origem da «unção» ou «santos óleos», usados nos batizados). E' justamente quando o pequeno *Agni* toma o nome de Ungido (Iluminado), *AKTA* em sânscrito, e *CHRISTOS* em grego. Torna-se resplandescente, pois que tudo em seu redor se *ilumina*. As trevas desaparecem, os demônios fogem espavoridos diante de sua luz cintilante.

Ele é o *Gurú dos Gurús* (ou *Maha-Gurú*, Grande Instrutor, etc.), o Mestre dos Mestres e toma o nome de *Jâtavâdas* ou «aquele em quem a Sabedoria é inata».

Portanto, a tradição da «Sagrada Família», representada por Jesus, Maria e José (o carpinteiro), é encontrada nos Vedas, muito antes do advento de Jesus Cristo. Aliás o nome *Jesús* Cristo tem uma sonância muito semelhante à de *Yeseus Krishna*, que surgiu na Índia 3.500 anos antes Daquela. A Mãe de Krishna foi *Devaki*, uma bela e puríssima princesa, irmã do rei de Madura, em torno da qual existe a mesma lenda das Virgens-Mães ou Marias.

Diz H. P. Blavatsky, em sua Doutrina Secreta: «Desde os *rishis* indianos até Virgílio, e de Zoroastro à última sibila, todos, sem exceção alguma, desde o começo da 5.ª Raça-Mãe, profetizaram, cantaram e prometeram a volta cíclica da Virgem e o nascimento de uma criança divina, que faria renascer a Idade de Ouro

CONSELHOS ÚTEIS

TEOSOFIA E EUBIOSE (Cont. do Cap. I)

LORENZO PAOLO DOMICIANI

Em referência aos médicos de Ontem e de Hoje, temos a dizer:

O tipo do médico **onisciente, cético** e sempre pronto a desdenhar de tudo quanto não pertence ao **princípio dogmático aprendido em aula** — que, por infelicidade ainda existem alguns — já começa a ser substituído, com vantagem, por uma **espécie de sacerdotes**, repletos de amor e de bondade que, compenetrados do desejo de consolar e aliviar os males alheios — digamos, com a franqueza que este trabalho exige — estão acima de muitos sacerdotes, cuja vocação para as suas próprias religiões... não lhes era um dom espiritual e congênito, na razão daquelas **skhandas** (ou tendências) a que nos referimos na primeira parte deste mesmo trabalho. Sim, porque outros há, que nasceram «para servir a Deus», como se costuma dizer, e, conseqüentemente, a todos os seres da Terra. Quanto aos médicos em questão, são aqueles que «se não apressam em despachar os doentes», quando temos visto alguns que os recebem de pé... e param de falar bruscamente, indício certo de que estão mandando embora os referidos doentes. Aqueles, não, muito ao contrário, passam dias e até noites à cabeceira de seus doentes, quando seu estado é mais grave, são como membros das suas famílias, as quais os estimam, confiam e admiram. Para eles, a béca e o diploma ficaram em casa... São os verdadeiros **TEURGOS** de outrora, que — ao menos, os «clarividentes» poderiam perceber a **PRECIOSA AURÉOLA DO SABER E DA BONDADE** que os circunda. Assim também o são, os médicos de nosso **COLÉGIO INICIÁTICO**, como verdadeira Academia Teosófica (e, conseqüentemente, **eubiótica**), pois que, de fato, como os seus demais companheiros de «missão», trabalham pela **FELICIDADE HUMANA** (1).

Existe, também, uma outra categoria de investigadores, muitas vezes «mártires da própria ciência»: os homens de laboratório, artistas cheios de fé e de entusiasmo, simples e ingênuos, como a própria Natureza, demasiadamente interessados na utilidade ou beleza do conhecimento; por isso mesmo, alheios às exterioridades do mundo. Não são «doutores», são **MAGOS DA CIÊNCIA**, perquirindo sempre algo que possa **minorar os sofrimentos do mundo**. Contrariamente, os pesquisadores da «guerra química»... Doutos, sim, na «arte de matar»... pois, cada qual com as suas **tendências** cármicas. No entanto, os próprios descobridores da **ENERGIA ATÔMICA**, foram os primeiros a lançar o seu protésto junto ao inesquecível Franklin Delano Roosevelt, quando ainda Presidente dos Estados Unidos da América, pela aplicação destruidora que se fazia da sua descoberta. Na mesma razão, o saudoso Santos Dumont, com a da aviação, a ponto de ter morrido, digamos, por um **choque traumático**...

Acabou, também, o tempo em que os Chefes de Estado eram eleitos entre os nobres; agora, exige-se o de maior capacidade — mesmo que nem sempre os eleitores acertem... — por isso mesmo, sem que lhes flua nas veias o menor glóbulo do chamado «sangue azul», termo este de que um dia nos ocuparemos, no seu verdadeiro sentido Teosófico ou Eubiótico... por

ser da maior transcendência. Acabou, sim, o tempo em que os sábios eram eleitos entre os «doutores», pois, quando um Homem (com maiúscula) demonstra verdadeira capacidade científica, ninguém ousa pedir-lhe seus títulos, chame-se Pasteur, ou mesmo Metchnikoff, ou outro qualquer. Haja vista aquele camponês que curou o Presidente Plutarco Calles, do México, depois de ter passado pelas mãos de vários médicos. E ao qual o mesmo Presidente ordenou à Saúde Pública, que lhe desse «uma autorização para curar», uma espécie de «médico ad-hoc», para não dizer, por já ter nascido «douto» na mais sublime de todas as ciências, que é a da **ARTE DE CURAR**... Mais uma vez, **skhandas** ou **tendências** trazidas de vidas anteriores (a-parte a descrença de alguns nas leis de Reencarnação e Karma, que nem por isso deixam de ser respeitadas e seguidas por milhões de pessoas, tanto no Oriente como no Ocidente...). E' natural, entretanto, que antes de poder demonstrar a sua capacidade científica, tenha que passar por provas bem amargas, de certo modo, justas e convenientes, como **meios de seleção**, pois que essa mesma experiência já demonstrou, de modo insofismável, a nulidade da seleção operada pelas carreiras universitárias, pois que, vultoso número de diplomados não passam de verdadeiras **MEDIOCRIDADES**.

Os plasmogenistas representam um brilhante exemplo de cooperação internacional e de simbiose científica, a-parte o que de transcendental e gigantesco possui a sua doutrina. Muito nos interessa a sua obra, porquanto, a Plasmogenia vai à Biogenia, e esta é a preliminar obrigatória de uma **EUBIOSE** científica.

Ouçamos, pois, a linguagem de alguns deles, a começar pelos franceses irmãos Mary, um dos quais — por infelicidade — foi logo arrebatado deste mundo, quando mais podia e devia esperar-se de seu vastíssimo preparo científico, e de seu espírito apostólico que, por felicidade, impéra entre alguns deles, na hora presente.

«A mais habitual das críticas que são feitas aos plasmogenistas, é a de serem **visionários**. Com efeito, os plasmogenistas vêm as cousas que os olhos dos biólogos ortodoxos não podem discernir. Para aquele que nasceu cego, o que vê perfeitamente as cousas e as descreve poéticamente, inclusive as harmonias da luz, os encantos das cores, as belezas do Firmamento, as águas e as flôres, deve ser também um **visionário**. E os Plasmogenistas encontram-se em perigo de continuarem **visionários**, enquanto seus adversários, do mesmo modo, continuarem cegos.

A única objeção sensata que se pode fazer às observações e às teorias dos Plasmogenistas, é que não são infalíveis. Nós adotamos, perfeitamente, semelhante reserva... porém, os detratores da nova ciência, estão senhores dessa infalibilidade? Que têm a dizer os seus defensores?»...

«Houve um tempo em que a ciência oficial ensinava que a terra era plana como uma tábua. E que o sol girava em seu redor. Vieram outros tempos, e essa mesma ciência oficial procura desdizer-se daquilo que aceitava como bom e real! Por trás da ciência oficial de ontem, que está de pé pela tradição, germinava a ciência de amanhã, que jamais será perfeita nem defi-

nítiva, mas, que se aproximará um pouco mais desse Ideal de relativa verdade, para o qual se projétam, sem descanso, as inteligências, em busca de claridade».

As atuais Biologia e Higiêne possuem homens desse «quilate», pois, qualquer que seja a origem das suas idéias, das suas descobertas, impõem respeito tanto a amigos como a inimigos, pela simplicidade da sua modestia (vemo-los, em profusão, por exemplo, no Instituto Manguinhos, na capital da República, no Instituto Butantan, em São Paulo, e assim em todo o país, sinão, no mundo inteiro), que tanto contrasta com o detestável pedantismo de pseudos-cientistas, seja qual fôr o setor em que se apresentem...

Os privilégios pertencem, a bem dizer, à uma civilização fôssil, onde aparece ainda, e por desgraça, «o sinête da Santa Inquisição». As fogueiras de outróra fôram substituídas pelas «intrigas de bastidores» e de outras cousas mais. Mesmo assim, os verdadeiros cientistas não temem a falta de liberdade, mesmo que outros métodos, além daqueles, pudessem surgir... E' bem verdade que, «ao invés de se queimar os vivos, hoje se teima em não queimar os mortos»...

A Química, a Hlctologia, a Ótica, o estudo minucioso de uma grande quantidade de propriedades físicas, antes apenas notadas, como a viscosidade, a diálise, as das membranas, dos cristaloides e coloides, a pressão osmótica, etc., fazendo vislumbrar os mecanismos das trocas celulares já permitiram, aos plasmogenistas, descobrir, sem outro recurso que não a matéria inerte (?), fôrmas que só foram antes conhecidas nos moluscos, nos celenterados e nos vegetais, e não apenas formas, como também, desenvolvimentos que imitam os processos funcionais da nutrição e, ainda, da geração dos seres vivos. Em tão maravilhosa ciência, hoje ainda em comêço, que muitos dos seus partidários pretendem opôr, como argumento contrário: todo átomo da matéria é suscetível de desenvolvimentos superiores, sempre que se o coloque em condições favoráveis, precisamente porque, a «Matéria inerte» de que falamos, não existe, sinão para a nossa ignorância das coisas, que não tinha, ainda, encontrado a maneira de despertar, em aspectos ostensíveis, essa Vida que é tão inseparável da Matéria, em si, como o próprio Espaço. Procure-se vêr se é possível subtrair da Matéria, o Espaço por onde se estende; pois bem, a Vida é a ENERGIA-RAIZ (Mulaprakriti), donde emanam as suas várias modalidades, tôdas as energias do Universo; do mesmo modo, as que fazem mover os corpos, as que ondulam no Espaço, as que vibram na matéria (viva), e as que dormem ou vibram, reconditamente, no fundo da inércia, onde irá despertá-las ou deixá-las de lado a, cada vez mais penetrante, ciência humana...

Com Lamarck, o vitalismo fica eliminado; a vida resulta da organização. Quem, entretanto, produz a organização? Se precisamente a organização é capaz de produzir a vida, porque esta a produziu, ficamos nas mesmas condições daquela pergunta «se foi a galinha ou o ovo que veio em primeiro lugar?»...

«A Vida, comenta Leduc, de Nantes, o grande e admirável sábio (não vacilamos em reconhecê-lo como tal, embora que sustente uma tese contrária à nossa), não é sinão um fenômeno físico. Todos os fenômenos vitais são devidos à causas mecânicas, sejam físicas ou químicas, que dependem da organização»... Até aqui Leduc.

A vida é um fenômeno mecânico... Muito bem!

Enquanto os biólogos não encontram na vida, sinão forças físicas, os físicos vão achando a vida, nas

últimas expressões da matéria física, chegando à sutilizações: átomos de átomos, alterando já, em homenagem à rotina, o sentido do termo, pois que átomo quer dizer indivisível, e quando dele se pode retirar electrons, deixa de ser átomo... To be or not to be. E, assim, o Espaço vasio e inerte, donde, por misteriosa causalidade, havia aparecido essa única planetaria «mansão» de seres vivos, converte-se em espaço vivo, palpitante, todo povoado, não já de imaginários pontos geométricos, mas de electrons e protons (estes mesmos com a sua complexidade), ou algo, todavia mais sutil, contendo como Energia pura, que são, tôdas as possibilidades creativas, para todos os desenvolvimentos vitais; verdadeiras Mônadas (centelhas na chama), verdadeiras almas, embora certas restrições que nos fazem lembrar os versos de George Meredit, que dizem assim:

«Les étoiles ne sont pas
de lointaines étrangères
d'insensibles puissances.
Du feu qui est'en elles
Nous sommes nés...»

Versos esses que já tivemos ocasião de lêr num dos mais valiosos livros de Ensinamentos da S.T.B. que só daqui há muitos anos poderão chegar ao domínio público, tal a sua transcendência...

E eis aqui, depois daquelas últimas palavras, como os físicos poderiam provar que, no Espaço e em tôdas as suas sidereas concreções, não há outra coisa sinão vida; a própria inércia da matéria que chamamos de grosseira, antes de conhecê-la, é vida interna, é a expressão de forças vibráveis, de equilíbrios dinâmicos que supõem uma verdadeira atividade vital. E o átomo de nossos maiores — ingrediente inerte da composição dos corpos — algo assim como o grão de areia para a arganassa em que toma parte, tornou-se, não apenas um edifício de complicada construção, mas, uma espécie de cidade povoada cujos habitantes se movem, vivem e trabalham. Na vida dos organismos — que não são sinão a expressão da Vida Universal, pois sem ela, em lugar dessa diferenciação de infinitos elementos que se agitam e evoluem — não teríamos sinão o PARANIRVANA dos budistas, e os electrons, que hoje a vida alimentam, se transformariam em inertes átomos geométricos, imóveis.

A Plasmogenia progrediu graças ao concurso de homens de todos os países. Julio Felix, fundador do Instituto Internacional, vivia em Bruxelas. Martin Kuckuk, vive (?) em Petrogrado; o esclarecido Alfonso Herrera, no México, cujo progressista Parlamento, num sublime rasgo de Humanitarismo, votou 10.000 pesos anuais para secundar as mais luminosas investigações; o mago Estevão Leduc, em Nantes, França; o cultíssimo Victor Delfino, em Buenos-Aires; os laboriosos e eruditíssimos irmãos Mary, em Paris, etc. (o presente artigo foi escrito há muitos anos e leva, hoje, diversos aumentos e anotações, como foi dito em outros lugares).

«O ter de extrair da História geral da Humanidade, a História da Eubiose, isto é, do aperfeiçoamento humano, exigiria medir-se o valor positivo ou negativo de cada fato histórico e suas consequências a favor da felicidade humana; exigiria uma síntese filosófica da História, e só um esforço sobre-humano seria capaz de realizar tal obra. Que arquivo de sabedoria prática seria a História assim compreendida! Que arquivo de utilíssimas lições que cada geração, cada época poderia transplantar à sua própria existência, para evoluir daí em diante! E com isso, livrar-se do círculo vicioso das repetições que fazem dispender, ou antes, malbaratar

O CULTO NECROMÂNTICO DO "ZUMBI"

H. J. SOUZA

No capítulo I de *O Verdadeiro Caminho da Iniciação*, de nossa autoria, consta o seguinte:

— Quem em criança não ouviu falar do «bicho Zumbi», cuja história nossas amas pretas — por ignorância do mal que nos faziam — nos contavam tôdas as noites, para conciliarmos o sôno? «Vem Zumbi comê este menino que não qué drumi».

Em semelhante maneira da «mãe preta ninar seus senhores meninos», ocultava-se uma obra necromântica, que até hoje está assinalada no Código Penal de Haiti: o do ZUMBI.

Há alguns anos os cinemas de nossa capital e de outros Estados do Brasil levaram um filme com semelhante nome, e do qual era principal protagonista, o famoso ator Bhoris Karlof. Todos quantos tiveram ocasião de apreciá-lo, tomaram-no como simples fantasia, quando se trata da maior realidade.

No artigo 249 do referido Código de Haiti, a par das penalidades respectivas se descreve a natureza do crime denominado ZUMBI: «fazer ressuscitar corpos de indivíduos que não tenham morrido em consequência de qualquer lesão séria e cuja inumação tenha sido feita há poucas horas». Este execrando crime é praticado pelos feitores ou donos de fazendas, conhecedores dessa espécie de Magia, com o intuito de aproveitar o trabalho gratuito desses sêres recém-falecidos. Para os manter em perfeita submissão, e a magia não ser desfeita... não se lhes dá de comer nenhum alimento que leve sal, pois, segundo a lenda, o sal tem a propriedade de despertar em tais «indivíduos»... a lembrança de que não mais pertencem a este mundo, o que os faz voltar ao túmulo donde os retiraram. Citam-se vários casos desta natureza.

Haiti, é como tôdas as Antilhas (ou atlantilhas), um remanescente atlante, cujo povo, principalmente na época da sua decadência, ou melhor, «depois da luta havida entre deuses e demônios» (de que muito veladamente nos fala o Bhagavad-Gita e outros livros sagrados do Oriente) os mesmos caíram no mais inferior estado de consciência. Herdeiros, pois, desses povos de

outrora, e ligados a bem dizer, a remanescentes lemurianos, é natural, pois, que os haitianos se dediquem à essa como à outras espécies de Magia... Para nos venceremos de que a do Zumbi, por exemplo, até hoje se pratica, necessitamos ter presente o artigo supra-citado do código penal daquele país. O fato, por ser conhecido de muitas pessoas, obriga às famílias dos «mortos» a que os enterrem nas proximidades das estradas mais movimentadas, afim de evitar a terrível ressurreição...

No Tibete (Vide o Tibete e a Teosofia, de nossa autoria e do insigne polígrafo espanhol Dr. Mario Roso de Luna, capítulo RITOS FUNEBRES DO TIBETE), ressuscitar certos mortos, nas mesmas condições dos de Haiti, isto é, que não tenham morrido de nenhuma lesão séria, é coisa facilíssima. Sem quereremos fazer descrições detalhadas de um ritual de franca Magia Negra, coisa mais que proibida para aqueles que desejam palmilhar *O Verdadeiro Caminho da Iniciação*, o fenômeno é levado a efeito por meio de um bailado, ao som de instrumentos fabricados com ossos de velhos lamas (ou sacerdotes), que se dedicavam ao mesmo culto... E' de prever o estado em que deve ficar o «ressuscitado», quando se vir colado a um outro, bailando, sofrendo solavancos e... outras coisas mais que não podem ser ditas. E isto, por se lembrar que estava doente, passando mal, na iminência de morte...

Se em nosso País, por felicidade, as gentes da «macumba» não conhecem semelhantes processos, mesmo assim, as coisas chegaram a um ponto que, se as autoridades não tomarem as devidas medidas... dentro em breve muito teremos que lamentar, não, por «mortos ressuscitarem», mas, ao contrário, «por vivos se fazerem mortos» (*).

E dizer-se que as próprias estações de rádio exploraram as «músicas ou pontos da macumba». E outros mais que se incumbem de levar os turistas aos «terreiros» onde se praticam tais ritos, na sua maioria, jornalistas. As revistas trazem artigos detalhados, com

CONT. NA PAG. 89

Cont. da Pag. Ant.

séculos de progresso, tornando quase nulo, para cada geração, o aproveitamento das experiências passadas! (continuará no próximo número)

(1) Um desses médicos ilustres e devotados, que figuram nas fileiras da S.T.B. — além dos muitos que labutam no mundo profano — é o Dr. Ozorio Schleder de Araujo, autor do «fichario» que leva seu nome. E com o qual se pode fazer a escolha do medicamento homeopático, que deve curar o doente, de acôrdo com a sua sintomatologia. O referido «fichario» teve uma grande aceitação, não só entre os médicos homeopatas brasileiros, como estrangeiros.

Entre os artistas, figurando nas mesmas fileiras, não faltam cantores, pianistas, violinistas, violoncelistas, alguns deles da orquestra do Teatro Municipal, da Orquestra Sinfônica, etc. Não falemos, ainda, dos que se dedicam à arte pictórica.

Há um nome digno de ser aqui apontado, pelas glórias que cercam: o barítono João Gibin, vencedor do Concurso «O Grande Caruso», filho da capital bandeirante. Encontra-se atualmente fazendo o seu aperfeiçoamento no Teatro Scala de Milão, já tendo tomado parte em algumas peças teatrais, com outros alunos do referido Teatro, com retumbante sucesso. Fato digno de nota: João Gibin se honra em trazer sempre na

CONSELHOS UTEIS

lapêla o distintivo da Sociedade Teosófica Brasileira. E' assim que procede «a Semente da Nova Geração»...

O que essa mesma Instituição tem feito durante seus vinte e oito anos de existência, vai além do imaginável. Em S. Lourenço, por exemplo — onde possui a sua Sêde e Templo «dedicado ao avatara e à tôdas as religiões do mundo (como foi publicado em o número anterior deste periódico), a própria população do lugar é unânime em afirmar «que é à Ela a quem se deve uma grande parte do progresso da estância de S. Lourenço». Outrossim, o «orgulho que lhe causa o referido Templo, colocado no alto de uma colina que tem o nome de «Vila Canaã». E' de admirar a feérica iluminação com que o mesmo se apresenta, diariamente, das 18 horas às 22».

E quanto à «Montanha» onde se deu a fundação espiritual da Obra grandiosa em que a S.T.B. está empenhada, eles chamam — e com justa razão — de, «a nossa Montanha Sagrada»...

Sim, «o Brasil é o Santuário da iniciação moral do gênero humano a caminho da sociedade futura». E S. Lourenço «a capital espiritual do mundo», e não apenas do Brasil, como teve ocasião de afirmar o maior gênio de nosso século, que foi o Dr. Mario Roso de Luna.

Res non verba.

(N. do autor)

SECÇÃO INFANTIL

GOBI, o gênio da floresta (1)

HELENA JEFFERSON DE SOUZA (2)



Meus caros amiguinhos:

Certa vez, num país muito distante, vivia um povo feliz e despreocupado, que era governado por um Rei tão bondoso e justo que todos o amavam e respeitavam como a um Pai comum. Ali a vida transcorria bem diversa da nossa. A Beleza pairava em tôda a parte. As árvores eram frondosas, cobertas de verdejantes folhagens e frutos de variadas côres e sabor incomparável. Tôdas estavam povoadas de estranhos pássaros dourados e de longa cauda, que lembravam o nosso faisão.

Os lagos eram verdadeiros espelhos onde, aos pares, deslizavam cisnes de alvura imaculada, como se fossem flocos de arminho que uma brisa fagueira fizesse ondular.

Na floresta espreitavam côrças inquietas, que se assustavam ao menor ruído, mesmo o da simples queda de uma folha.

O solo desse país de Fadas e Duendes era rutilante, como se fôsse calçado de pedras preciosas.

Os problemas deste Reino prodigioso eram todos resolvidos pelo soberano com a maior Sobedoria, pois esta parecia dele manar como de uma fonte puríssima. Ao alto, sôbre a sua cabeça, sete astros cintilantes, sete planetas mágicos, bailavam em tórno de um Sol central, numa apoteóse de luz. Uma música lindíssima parecia produzida por aquele movimento. Era o reflexo do Heptacórdio Divino, a lira de sete cordas cujo som é a harmonia que sustenta os mundos.

Tal povo habitava as entranhas da Terra, ainda que isso pareça impossível.

Certo dia, o gnomo (3) Gobi, que era o governador de uma das sete cidades de que se compunha esse misterioso reino, foi ter à presença do monarca. Desejava fazer-lhe uma súplica, e alimentava também a esperança de ouvir de seus lábios, conselhos a respeito de um assunto que de há muito o preocupava.

«Senhor — disse êle ao Rei — preciso ir ter com meus irmãos que estão incumbidos de guardar as florestas na face da Terra. Segundo ouvi dizer, eles têm permitido que os homens cortem as árvores, incendeiem-nas, e matem os pássaros e outros animais que nelas habitam.

Esqueceram os sêres humanos de que são as árvores que dão sombra às florestas, embelezam-nas e servem de pousada às mais raras aves. Não se lembram ainda que são elas que lhes dão o direito de descansar à sua fronde, quando fatigados das longas jornadas e dos exaustivos trabalhos a que se dedicam. Entretanto, não se esquecem eles de saborear os seus frutos suculentos que constituem, na verdade, o melhor alimento para a sua própria manutenção e de suas famílias. Não deixam também de gozar do frescor que das mesmas se irradia, que torna a vida mais amena nos tempos em que o calor exagerado pode provocar sérias doenças, e muitas vezes a própria morte».



Eu sou o Rei do País das Maravilhas!

Eu sou o maior amiguinho das crianças do Mundo!

Respondeu o bondoso e sábio Rei do País Encantado:

«Concedo o que me pedes, Gobi, meu querido auxiliar e amigo. Mas tenho um conselho a dar-te, e que deves levar em grande conta. Cuidado com os homens! Eles se confundem muitas vezes com as feras que vivem nessas mesmas florestas. Dizem eles que possuem um Deus misericordioso, mas o deus da sua crença pessoal é o do ódio e da vingança. E' ainda o deus do

ouro, o deus de tôdas as lutas que se travam na face da Terra».

Depois de uma pequena pausa continuou:

«Não te esqueças ainda, meu bom amigo, que tudo na vida sofre e chora, de acôrdo com o estado de consciência em que se encontra. Sofre a pedra quando é esmagada pelo choque da picareta, sofre também a árvore quando despedaçada pelos golpes certos do machado, deixando correr pelo tronco a seiva que internamente a animava. São lágrimas vertidas pela própria Natureza! O mesmo se dá com os peixes, os pássaros, tudo enfim que embeleza os lagos, os jardins, os campos, as florestas. E, todavia, os homens, que também sofrem, não se condoem dos seus irmãos inferiores. Bem, vai. Vai e luta pelo teu justo sentimento de piedade para com a floresta e tudo o que nela existe».

El Gobi, depois de abençoado pelo Rei e de se despedir de seu povo, meteu-se pelas galerias subterrâneas a dentro, em busca dos companheiros, gênios também como êle. São sêres que estão ocultos aos olhos humanos embora protejam os bons, conduzindo-os por caminhos fáceis, e deixem os maus à mercê da sorte, sujeitos a todos os obstáculos, inclusive os que podem ocasionar a morte.

Passaram-se apenas alguns instantes e já êle se encontra cercado pelos queridos companheiros em plena floresta. Começaram então a cantar e bailar ao som de uma linda e estranha música, e que é a mesma que se encontra no fim desta história maravilhosa (4).

Quando terminaram, Gobi falou-lhes. Embora tivesse sido muito bem recebido por aqueles de quem se achava há tanto tempo afastado, viu-se obrigado a censurá-los severamente por terem permitido que os homens derrubassem árvores, matassem pássaros e outros animais que habitam as florestas, além de incendiá-las sem dó nem piedade.

«Não penses, querido Gobi — disseram-lhes — que não sofremos também com esses criminosos processos de destruição de que lançam mão os homens. Tudo fizemos para que eles não persistissem em ofender tão barbaramente a nossa Mãe Natureza. Mas baldados foram todos os nossos esforços. Sofremos e choramos por muito tempo, com as árvores, os pássaros, as próprias feras, as águas das cachoeiras desviadas de seus cursos d'água, as pedras que se chocam com o calçado dos homens, tudo enfim que a Natureza possui de belo e grandioso.

Os filósofos, os homens justos e sábios que com eia vivem em perfeita harmonia, preferem chamá-la conosco de «Mãe Natureza». Mas os homens maus e interesseiros ferem-na em pleno coração, arrancando-lhe o sangue até à última gota.

Com o tempo, fomo-nos acostumando. E assim, preferimos empregar agora outro processo mais prático e eficaz: o de ensinar aos homens o caminho da Evolução. Ensinamo-lhes a trilhar uma nova estrada na qual caem e se levantam constantemente, ora beijando o pó do solo, ora olhando o céu em busca da Verdade, aspirando o Amor Universal de que tanto se acham afastados...

Não vês, Gobi, como até hoje eles se destroem uns aos outros, através dessas guerras implacáveis? Não vês como aperfeiçoam cada vez mais os engenhos de morte, fazendo abalar a própria Terra em seus alicerces?

Procuramos, pois, descobrir os homens de bom coração e concorreremos com a Natureza em que vivem, para que tenham o bem estar, a fartura que merecem. Aos maus, ao contrário, deixamos entregues à sua própria sorte: a árvore que decepa cai-lhes em cheio sobre o corpo, esmagando-os... Se se banham nos rios ou nos lagos, morrem afogados. Outras vezes são apanhados pela própria fera a que dão caça, pois não sabe ela distinguir o homem do animal, quando tem fome. E assim por diante».

Então Gobi quis fazer o mesmo que os seus companheiros que há muito viviam entre homens e feras, no meio da floresta.

Vocês sabiam, meus amiguinhos, que até entre gênios a experiência é imposta?

A diversos lenhadores prometeu riquezas, conduzindo-os diante dos tesouros fabulosos, ocultos em cavernas no seio da Terra. Vários deles, ao verem as arcas repletas de moedas de ouro e pedrarias, pensaram logo em matar o pobre Gobi, na esperança de ficarem com elas... Mas este, que era de fato um Gênio, como é conhecido no Oriente, um Jina, logo desaparecia à sua frente, para aparecer mais adiante em cima de uma rocha ou numa pequenina ilha, bem no centro do lago. E o mau lenhador, apavorado, fugia desse lugar em busca dos companheiros ou do próprio lar... quase sempre com o juízo transtornado.

Depois de ter experimentado um grande número de lenhadores, encontrou um finalmente que só se preocupava com a esposa, os filhos, a felicidade, enfim, dos seus companheiros. Amava a floresta, onde vivia, as árvores, os pássaros, as próprias feras...

Levando-o então diante de uma caverna em que faiscavam o ouro e as pedrarias, disse-lhe. «Eis aí uma



Quantas riquezas contidas em um só livro!!!

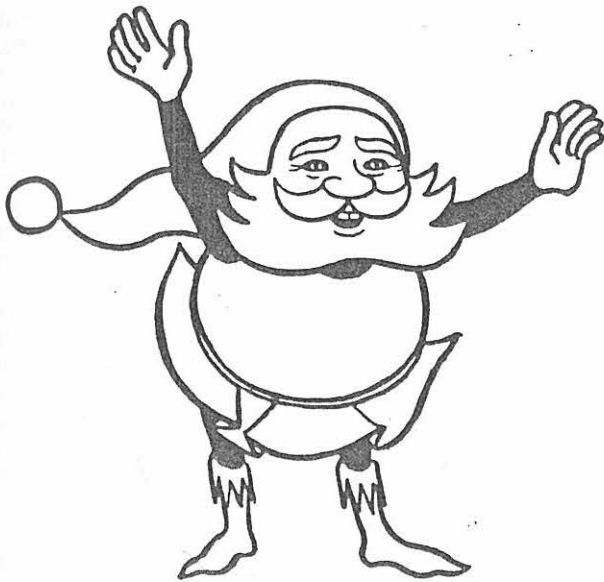
fortuna imensa que te poderá tornar o mais feliz de todos os mortais».

«Prefiro viver do meu trabalho» — respondeu o lenhador, sem se perturbar diante de tôdas aquelas maravilhas. «Sinto-me feliz tal como sou» — acrescentou — «pois ninguém pode conhecer o dia de amanhã, o que de bom ou mau nos está reservado, principalmente se nos desviarmos da trilha do bem».

Gobi, satisfeito com a resposta do honesto lenhador, fez desaparecer da sua vista a caverna dos tesouros e acompanhando-o até sua casa, deu-lhe a notícia de que êle, com os seus, eram dignos de habitar no País das Maravilhas.

«Vem comigo, acompanhado de tua mulher e filhos. Levar-te-ei a um lugar em que não há sofrimento de espécie alguma. Lá não mais conhecerás os rigores do tempo, pois nem chuva, nem sêca, geada ou granizo ali existem... Ali não se travam guerras, nem assolam os grandes cataclismas que de tempos em tempos destroem cidades, países inteiros, que merecem semelhante castigo. E' o Paraíso Perdido que a humanidade pensa não existir. No entanto, os homens, os mortais, dele se acham bem perto... As crianças privilegiadas, rara é a noite que com êle não sonhem e se extasiem. E, pela manhã, contentes e felizes, relatam às suas mãezinhas o que viram e ouviram, o que lhes falaram as fadas e os Gênios protetores dos homens. Para muitos, tudo isto não passa de uma mera fantasia. Mas estes são os maus julgadores, envolvidos pela matéria grosseira do mundo. Tú, porém, com os teus, te tornaste digno de contemplar, com os próprios olhos, a grande e imortal Realidade».

Assim dizendo, conduziu o lenhador e sua família por uma entrada oculta na rocha. E através de imensas galerias subterrâneas, enfeitadas de estalactites, foram ter ao PAÍS DAS MARAVILHAS, onde lhes esperavam as maiores surpresas!



BÓAS FESTAS E FELIZ ANO NOVO.

(1) e (2) — Gobl, o gênio da floresta, é uma história maravilhosa para crianças (poder-se-ia dizer, «de tôdas as idades»), já em sua segunda edição, ricamente ilustrada com desenhos coloridos. As ilustrações são de Percy Deane. E' de autoria de Da. Helena Jefferson de Souza, digníssima esposa do Prof. Henrique José de Souza, fundador e dirigente espiritual da Sociedade Teosófica Brasileira. E constitui um brinde desta Sociedade às crianças do Brasil, através de «O LUZEIRO» (nóta da redação).

(3) — A palavra gnomo vem de gñain (tibetano), djln (árabe), jln ou jlna (sânscrito), dando gênio em nossa língua. Nas escrituras teosofistas, os gnomos são elementares da Natureza em relação com a terra, do mesmo modo que ondinas (com as águas do mar), shanas (com as águas dos rios), salamandras (com o fogo), silfides (com o ar).

O CULTO NECROMÂNT . . .

Cont. pag 86

Ilustrações — a bem dizer — contrárias à boa moral — e que servem de mau exemplo a muitos dos seus leitores, principalmente, crianças. Não bastassem as revistas de bandidos, de gangsters, e HEROIS de fancaria, que desvirtuam a educação que devemos dar aos nossos filhos. As obras de Julio Verne foram postas de parte, tôdas elas, verdadeiro prognósticos das últimas descobertas. Em resumo: livros não faltam que concorram para a boa educação das crianças.

Emile Zola, em seu tempo, já dizia:

«E' com a pena e não com a espada que se há de realizar a concordia entre os homens».

E é isto o que nós de O LUZEIRO estamos fazendo, na esperança de prepararmos a Bôa Semente.

(*) Vejamos agora a notícia publicada em certo jornal de Nova York: «Não há muito, esta cidade encontrava-se abalada pela selvageria de um novo e sangrento culto, o «Vudú». Os fanáticos pertencentes a este culto infernal dispunham-se a brindar seu misterioso Deus com uma vitima humana, na pessoa de Rose Parrell. O culto «vudú» é de origem negra, porém, praticado em Nova York, pelos brancos que viviam em uma casa, de vários andares, do número 18 do Park Street (todo o grifo é nosso). Miss Rose Parrell fôra certa tarde à referida casa para visitar uns amigos que viviam no último andar. Quando se retirava, descendo as escadas, ao chegar ao segundo andar, sentiu que uma porta se abria cautelosamente, e que várias sombras se atiravam sobre ela, impedindo-a de proferir o mais insignificante grito de alarme. Pouco depois, a jovem era arrastada para um quarto iluminado por um lampião de querosene. Aterrorizada, a infeliz gritou por socorro, porém nenhum dos presentes fez o menor movimento. Duas pessoas — Joseph Muc e sua esposa que eram os encarregados do sacrificio (uma parêlha ou forma caótica de um andrógino divino...), começaram a praticar ferimentos em diversas partes do corpo da jovem... A esta altura, Miss Parrell gritou com mais fôrça, enquanto as outras pessoas procuravam abafar a sua voz, cantando e dansando loucamente (se não era, ao mesmo tempo, dizemos nós, o canto ou «mantran» para «fazer baixar o deus», o santo, etc.). Quando Joseph Muc e sua esposa se dispunham a cortar a cabeça da pobre moça, a porta se abriu violentamente para dar passagem à policia. A quasi sacrificada foi encontrada inanimada, junto do grosseiro altar enfeitado com fôlhas de bananeira».

Na conhecida história infantil «Branca de Neve e os Sete Anões», dever-se-ia dizer «Branca de Neve e os Sete Gnomos», pois que, enquanto gnomo vem a ser um «espírito da natureza», anão é uma aberração provocada pela hipertrofia da hipófise, do mesmo modo que o «gigante» é o resultado da hipotrofia da mesma glândula.

A propósito de «Branca de Neve e os Sete Anões», existe um interessantíssimo trabalho interpretativo de H. J. Souza, publicação em Dhâranã n.º 102, de 1939. Deste assunto, ainda se ocupará, oportunamente, este periódico (nóta da redação).

(4) — A linda e estranha música, ao som da qual bailaram e cantaram os gnomos, é o «Bailado dos Gnomos», letra e música de autoria de Da. Helena Jefferson de Souza. Deixa de ser aqui publicada, por absoluta falta de espaço.

O SIMBOLISMO DO NATAL

CONT. DA PAG. 81

ou Satya-Yuga sobre a terra. Logo que as práticas da Lei estiverem na ocasião precisa de terminar o ciclo da Kali-Yuga («idade negra» em que ainda estamos), um ASPECTO DO SÊR DIVINO que existe, em virtude de sua própria natureza espiritual, na pessoa de Brahmã, e que é o Começo e o Fim (o Alfa e o Ômega), descerá sobre a Terra. Ele nascerá na Família de Vishnujasha, como um «eminente Filho de Shamballah» e Senhor dos «Oito Poderes do Yogui». **Por seu imenso poder, destruirá Ele todos aqueles, cujo mental é votado à iniquidade.** Então, a Justiça se fará na Terra e os que viverem até o fim da Kali-Yuga, despertarão o mental tão transparente (ou puro) como o cristal».

Como vêm, os amados leitores, o simbolismo do presépio esconde imensos mistérios, que são muito mais antigos que o próprio Cristianismo. Nenhum sêr privilegiado, como o Jesus bíblico, jamais nasceu na mangedeira de um estábulo. Ao contrário, em tôdas as teogonias, o nascimento de Sêres privilegiados é sempre de família nóbre, abastada, de sangue real, etc. Assim, Gautama, o Buda de Kapilavastu, era o príncipe Sidharta. Abandonou riquezas, nome e quantos bens possuía na terra, para levar vida de mendigo, viajando de terra em terra, salvando almas por tôda parte onde passava, além do número vultoso de discípulos que o acompanhavam. Seu nascimento foi cercado dos mesmos mistérios que envolvem o de todos os Sêres de categoria superior ou divina. Não faltou o Deva ou Anjo anunciador. Sua Mãe, antes de concebê-lo, teve a visão de um elefante branco carregando um lôto na tromba: o «Lôto da Mil Pétalas», como símbolo da Centelha Divina manifestada na Terra.

Os grandes iluminados nunca nasceram de pais indigentes, muito menos em um côcho ou mangedeira. Ademais, onde estaria o sacrifício de tais sêres a favor do Mundo? Ninguém pôde avaliar a pobreza se com ela já nasceu.

Portanto, Jesus Cristo, ou melhor, Jeoshua Ben Pandira («O Filho do Homem»), não nasceu nas circunstâncias descritas pela tradição vulgar, mas foi um Sêr proveniente de uma cidade misteriosa, a SHAMBALLAH das tradições orientais, a «Ilha Imperecível que nenhum cataclisma pode destruir».

Segundo a tradição cristã, quando Jesus nasceu, foi visitado por Três Reis Magos do Oriente. O que oculta este simbolismo? Os Três Reis Magos representam os três chefes do Governo Oculto do Mundo (do ponto de vista espiritual). Representam os três chefes da AGHARTA, que são: O Chefe Supremo que possui o título de **Brahâtmã** (apoio das almas no Espírito de Deus) e os seus dois assistentes, ou «colunas», o **Mahâtmã**, representando a Alma Universal, e o **Mahanga**, símbolo de tôda a organização material dos Cósmos. Segundo Ossendowsky, o **Mahâtmã** «conhece todos os acontecimentos futuros» e o **Mahanga** «dirige as causas desses mesmos acontecimentos»; quanto ao **Brahâtmã**, «pôde falar a Deus face a face». O **Mahanga** oferece ouro ao Cristo e o saúda como «Rei»; o **Mahâtmã** oferece-lhe incenso e o saúda como «Sacerdote»; enfim, o **Brahâtmã** oferece-lhe a mirra (o balsamo da incorruptibilidade, imagem da Anritã) e o saúda como «Profeta» ou Mestre espiritual por excelência. Deste modo, o Cristo é homenageado nos três mundos, como seus próprios dominios (**Maitreya**, também significa o senhor das três **Mayas** ou dos três Mundos).

Na tragédia do Gólgota, diz a tradição vulgar, o

Cristo é ladeado por dois «ladrões». Na Maçonaria o Grão-Mestre também é ladeado por duas «colunas», **Jakim** e **Bohaz**, cujas iniciais **J** e **B**, também figuram nas duas cidades onde Jesus (Jeoshua Ben Pandira) nasceu e morreu: Belém e Jerusalem. São, ainda, as mesmas iniciais de João Batista, que foi Seu Arauto, anunciador ou Iokanã, que o batisou no Rio Jordão, momento em que «desceu» sobre Jesus «o fogo do Espírito Santo», simbolizado na Ave ou Pomba.

Todos os Grandes Sêres, antes de fazerem seu aparecimento neste mundo, são anunciados por outros sêres, também de grande excelstude, que são os **Iokanãs**.

A palavra **Iokanã** pôde ser decomposta em **IO** (com o significado de «o Grande Princípio Feminino», Isis, Lua, etc.) e **Canã** ou **Canaã** («promissão»). Em tradução livre, **Iokanã** (a palavra **Iokaanã**, como quer utilizar «certa» pessoa, não existe em nenhuma língua, não tendo, portanto, nenhum significado) significa: Aquele que CONDUZ, ANUNCIA alguém, ou alguma coisa, pelo «Itinerário de IO ou de Isis», ou seja, «o Caminho Real por onde tem de passar um novo clã, família, raça». Caminho de IO, ou de Isis, é o caminho percorrido pelas **Mônadas**. IO também nos dá idéia do número 10 (dez), podendo ser relacionado com a décima lâmina do «Taro advinhatório dos boêmios», que simboliza a «Rôda da Fortuna», que é a rôda dos renascimentos e das mórtes, nos três mundos. Quem faz girar esta rôda é o «Divino Rotan», o **Chakravarti**, o Senhor dos três mundos.

Repetindo-se a sílaba IO, tem-se: IOIO (ou, mil e dez); substituindo-se O por S, tem-se ISIS; permutando-se as posições das letras I e O, no segundo IO, tem-se IOOI (mil e um), que nos faz lembrar as «Mil e Uma Noites», ou seja, os maravilhosos contos que encerram profundos mistérios, relativos ao longo itinerário de IO ou de ISIS. Estes mistérios, em sua totalidade, são conhecidos apenas pelo SUPREMO ARQUITETO ou LOGOS CRIADOR, do qual têm emanado, ciclicamente, os Avatares Divinos que vêm, com sua palavra (a «Bôa Nova» de cada ciclo), impulsionar as mônadas (para tanto «julgadas» aptas) pelo longo ITINERÁRIO DE IO. Assim foi com KRISHNA, BUDA e CRISTO, e com todos os outros Iluminados que têm vindo a estes mundos inferiores. E assim há de ser, num futuro muito próximo (começo do século XXI, como tem sido anunciado, desde 1924, pela SOCIEDADE TEOSÓFICA BRASILEIRA), com mais uma manifestação cíclica do Grande Senhor, o MAITREYA-BUDHA. Este Sêr, o **Kalki-avatara** das tradições milenares, é também denominado o Cavaleiro **Akdorge** (donde o S. Jorge é uma cópia fiél) que virá esmagar o dragão do mal que ameaça devorar a Bela Princesa, acorrentada à pórta de seu palácio, que outra não é senão a própria humanidade, encarcerada na terrível trama das superstições, do fanatismo, dos erros de tôda espécie, em suma, da mais negra ignorância.

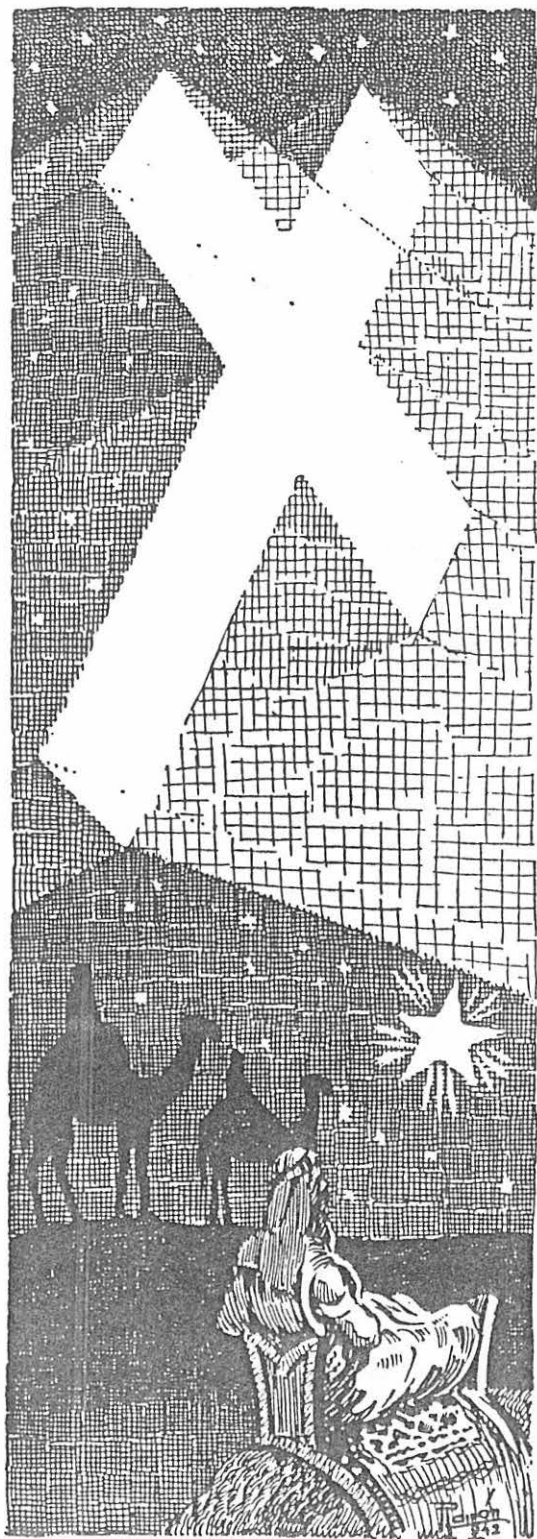
O Senhor dos Três Mundos, ou das três **Mayas**, cavalgando um cavalo branco, simboliza o ternário superior do Espírito, cavalgando e dominando o quaternário inferior da personalidade («persona», o mesmo que veículo através do qual o Som, o Verbo se manifesta).

Quanto ao Papai Noel, cuja memória é tradicionalmente cultuada na Noite do Natal, qual será a sua origem? Quem é este velhinho de longas barbas brancas que «todos os anos» vem distribuir «novos brinquedos» às «crianças bem comportadas»? Quem diz «to-

CONCLUE NA PAG. 91

JESUS E OS TRÊS REIS MAGOS (1)

PIZARRO LOUREIRO (2)



*Via, afinal, naquele dia, a luz
O Setenário humano de uma Cruz,
O doce Rei da quarta Jerarquia.
Uma nova semente germinal
Ia florir, frutificar — Natal!
Lançada pelo filho de Maria.*

*E, na grandeza de um coral vedântico,
Do coração do mundo ecoou um cântico
De aleluias, de festas, de esplendores.
Aqui, além, em mil Fraternidades,
Saudado foi, com o Hino das idades,
O grande primogênito das dores.*

*Guiados por estrela flamejante,
Em busca do presépio desse infante,
De bem longe chegaram três reis magos.
Vinham render-lhe a cálida homenagem
De quem já fez também essa viagem,
Em ciclos que se foram, já tão vagos...*

*Vinham trazer ao santo Filho do Homem
Os poderes que os males não consoem,
Patrimônio augural de outras esferas;
Aquilo que os milênios que lá vão
Guardaram, com amor, no coração,
Ou negaram, depois, no fim das eras.*

*Três tradições, três mundos e três raças.
O primeiro falou: Venho das graças
De um mundo que venceu pelo querer
A força do destino e dominou
Tudo aquilo que a terra germinou.
Com este OURO que luz, dou-te o PODER.*

*O segundo falou: Vivo há milhões,
Trago em mim o avatar das tradições,
E o tempo de meus passos se irradia.
Ninguém mais do que eu olhou os Céus,
Ninguém mais do que eu sentiu a Deus.
Com o INCENSO te dou SABEDORIA.*

*E o terceiro falou: Venho da terra
Que no bojo dos tímulos encerra
O segredo da vida e da verdade.
Venci a morte pelo incorruptível
E o domínio ganhei do invisível.
MIRRA te dou, tens a IMORTALIDADE.*

*E depois de adorarem o Menino,
Regressaram, com ânimo divino,
Ao seu antigo e sempiterno seio.
Para aguardar, no fundo das centúrias,
Insensíveis aos anos e às injúrias,
Aquele que há-de vir... e que já veio!*

(1) Transcrito do órgão oficial da S.T.B., a Revista Dhâranã n.º 113 e 114, de 1942, pág. 62.

(2) Diretor Geral da S.T.B.

PALAVRAS DE CONFÚCIO

SUA VIDA E FILOSOFIA

Confúcio, ou antes **Kung-Tsen**, o mais célebre filósofo chinês, nasceu em 511 A.C., estudou no Colégio dos Letrados, que representava a elite da intelectualidade chinesa de seu tempo. Uma vez diplomado obteve lugares humildes, como o de inspetor de cereais e inspetor de gado. Pela justa fama que grangeou, foi nomeado ministro pelo rei de Lu. Uma vez aí, pôde por em prática suas doutrinas, bem como viajar pelos reinos vizinhos, onde realizou sábias reformas. Anos mais tarde demitiu-se do cargo, voltando a ser professor. Inicialmente teve doze discípulos, que depois se multiplicaram.

Após a sua morte, os letrados confucianos mandaram erigir, em cada uma das grandes cidades do Império, um Templo L'unerário, onde estão depositados os livros do mestre, e onde se fazem anualmente as mesmas cerimônias que se efetuam no túmulo verdadeiro.

A obra confuciana propriamente dita é venerada pelos chineses sob o nome de **Tse-Chu**, isto é, os **quatro livros sagrados**. São eles:

a) **Ya-Lio**, ou grande estudo, ou a grande doutrina, compreendendo um texto curto da autoria de Confúcio e um comentário a esse texto por um de seus discípulos.

b) **Doutrina do Meio**, exposição do mestre sobre o «Homem Superior», recolhido por um de seus discípulos.

c) **Analectos de Confúcio**, reunidos por seus discípulos.

d) **Livro de Mencius**, composto por este sábio, do qual falaremos em breve.

Os pontos principais da Doutrina de Confúcio, são:

1.º — Sua doutrina é fundamentalmente moral. Apontou ele cinco virtudes que devem ser seguidas pelo homem: **bondade, integridade, polidez, veracidade e sagacidade** (acuidade intelectual).

CONCLUSÃO DA PAG. 90

dos os anos», diz «ciclicamente». Podemos, pois, assemelhar essa figura simpática com o Pai Onipotente e Bondoso, que ciclicamente, se manifesta para premiar os homens que se mantiveram fiéis ao Espírito de Verdade, presenteando-os com a Boa Nova, isto é, com os novos conhecimentos que impulsionarão as **Mônadas**, através de mais uma etapa, pelo longo Itinerário de IO.

Substituir o tradicional e simpático Papai Noel por «Pai João» (que até nos dá idéia de «macumba»), ou por outras figuras exóticas, como querem alguns, melhor seria que o fosse por um Anjo, como o que anunciou a Maria o nascimento de Jesus.

Quanto à dádiosa árvore do Natal, ela simboliza a Árvore Sefirotal, a Árvore dos Avatares, o Bija, ou Semente dos Avatares, plantada no quaternário da Terra, e que ciclicamente floresce. E' a árvore de **Bodhi** ou da Sabedoria, cujos ramos representam aspectos da Verdade Única, ou estes mesmos Avatares cíclicos manifestados.

Ao terminar este desprezencioso quão sintético trabalho, é nosso desejo que a Luz do Saber e da Verdade, se acenda nas mentes e nos corações dos leitores de «O LUZEIRO», tal como a estrela de Belém a indicar o caminho do Senhor.

Fiat Lux!

2.º — Perquirido por Tse-Kung, um de seus discípulos, sobre qual a palavra que por si só exprimia a conduta para a vida, respondeu: «Talvez a palavra **Shu** (reciprocidade) sirva». Assim, não faça aos outros o que não quer que lhe façam.

3.º — Estabeleceu ele um homem padrão, ao qual denominou de Homem Superior. O Homem Superior é o que segue a Regra Dourada ou o Caminho do Meio, que conduz à verdadeira realização. A esse respeito vejamos alguns trechos extraídos dos aforismos de Confúcio: Disse ele: O Homem Superior ama sua alma, o inferior ama seus haveres. O Superior é liberal para com as opiniões dos outros, todavia, não se mostra liberal para com elas; o inferior concorda completamente com as opiniões dos outros, todavia não se mostra liberal para com elas. O Superior é firme, mas não luta; mistura-se facilmente com os outros, porém não forma círculos. O Superior censura a si próprio, o inferior censura os outros. O Superior tem espírito tolerante, para com todos os homens e não é partidário; o inferior é um partidário e não tem, absolutamente, o espírito tolerante.

4.º — Estabeleceu regras para a vida privada e pública, fazendo ressaltar a importância da obediência dos filhos aos pais e parentes mais velhos. A autoridade paterna é um dever primordial. O príncipe governante deve ser considerado um pai coletivo e como tal deve ser venerado. Deve possuir, entre outras, as cinco virtudes propaladas pelo mestre.

5.º — Confúcio não restringiu sua ética apenas ao povo: foi mais longe; faz vêr que o governo deve aplicá-la, afim de ser digno do mesmo. O exemplo deve vir de cima, isto é, dos responsáveis pela nação. Disse o Mestre, ao ser inquirido pelo Barão Kang-Chi, a respeito de governos: «Governar é simplesmente pôr as coisas em seus lugares. Quando você mesmo lhes dá bom exemplo, como ousarão agir erradamente? Tornou mais uma vez o Barão: «Se eu liquidasse os máus cidadãos e me associasse aos bons, que pensaria você? Ao que o Mestre redarguiu: «Que necessidade há de liquidar o povo, da parte de um governador? Se deseja o que é bom, o povo se tornará bom. O caráter do governo é como o vento e o caráter do povo é como a relva, e a relva curva-se na direção do vento».

6.º — Quanto ao conceito de Deus, Kung-Tsen (Confúcio) seguiu o que os livros sagrados já diziam: «Deus, o Supremo Soberano, é um Sêr ao qual devemos reverenciar e adorar. E' Ele quem estabelece a ordem do Universo e decreta a criação das diferentes classes de humanidade. Uma série de espíritos Lhe é associada, que tem suas esferas respectivas na direção dos negócios celestes e terrestres e protegem e guiam os homens.

7.º — O homem — para Confúcio — nasce com determinada missão, outorgada pelo Céu. Em alguns trechos do Livro do Meio, encontramos as seguintes palavras do Mestre: «O que é dado por Deus é o que chamamos natureza humana. Cumprir a lei de nossa natureza humana é o que chamamos de lei moral. O cultivo da lei moral é o que chamamos cultura. Nosso

CONCLUE NA PAG. 82

IMPRESSO NA

GRÁFICA IRMÃOS GIBIN S. A.

Rua Carnot, 94 - S. Paulo